

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO
RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

Autor(es): WELBER NOBRE DOS SANTOS

Gramática Tradicional X Funcionalismo: uma proposta de reflexão teórica sobre a concepção de análise sintática

Introdução

Discutir sobre análise sintática significa refletir sobre o uso constante que nós, falantes de uma determinada língua natural, fazemos dos elementos linguísticos que estão à nossa disposição para a produção de linguagem. Conforme Garcia e Reis (2003) “a sintaxe é a parte da gramática que estuda as relações estabelecidas entre as palavras quando elas estão inseridas em orações, parágrafos e textos inteiros”. Essa é uma visão tradicional da língua, visto que restringe os estudos sintáticos ao plano formal dos enunciados dissociados de seus contextos reais de produção.

Por outro lado, para a corrente funcionalista da linguagem, a gramática emerge do discurso, e não deve ser vista e analisada sem levar em conta esse fator. Neves (1997) vê a sintaxe como “a codificação de dois domínios funcionais distintos: a semântica (proposicional) e a pragmática (discursiva)”. Nesse sentido, não se poderia pensar em uma sintaxe autônoma, mas que considera os fatores extralinguísticos como fundamentais no que diz respeito à definição dos papéis que as palavras desempenham quando inseridas em enunciados linguísticos.

A partir dessa reflexão, o objetivo geral deste trabalho é discutir criticamente o conceito de análise sintática adotado pela Gramática Tradicional em comparação à corrente funcionalista da linguagem. Para isso, partimos da hipótese de que a GT deixa lacunas no tratamento desse conceito e que tais lacunas podem ser preenchidas pela teoria funcionalista. A importância desta pesquisa reside no fato de que sempre é importante se pensar sobre a funcionalidade da língua, sobretudo porque lidamos com ela a todo o momento para alcançar os nossos objetivos de comunicação.

Material e métodos

Esta é uma pesquisa de cunho bibliográfico, visto que foi realizada uma revisão das teorias já existentes acerca do assunto para que novas reflexões teóricas fossem empreendidas. Conforme Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Ainda conforme o autor, tal procedimento de pesquisa apresenta vantagens, pois ela permite ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.

Ir ao encontro de outras teorias é inerente ao fazer científico. De um modo geral, todo trabalho que se denomina científico lança mão do discurso do outro para a construção do seu dizer. Escolhemos este tipo de pesquisa pelo fato de ser a forma mais adequada em se tratando de um trabalho voltado à exploração de conceitos.

Do ponto de vista dos objetivos, este trabalho é de cunho exploratório. De acordo com Gil (2002), a pesquisa exploratória tem como finalidade proporcionar mais intimidade com o problema de pesquisa, isso para torná-lo mais evidente ou a constituir hipóteses. Conforme o autor, na maioria dos casos, esse tipo de pesquisa envolve levantamento bibliográfico, dado que vai ao encontro da proposta deste trabalho.

Em termos de método, a pesquisa aqui proposta é fenomenológica. Coltro (2000) aponta que “... o estudo do fenômeno permite questionar e discutir os pressupostos tidos como naturais, óbvios, da intencionalidade do sujeito frente à realidade de sua ação”. Esta investigação é de caráter qualitativo, tendo em vista que não foi realizado nenhum tipo de quantificação de dados, e sim uma análise crítica de conceitos a partir de perspectivas teóricas. Trata-se de um estudo reflexivo.

Para o tratamento do conceito de análise sintática, nos apoiamos nos pressupostos teóricos de autores como Cegalla (2005), Garcia e Reis (2003), Neves (1997) e Pezatti (2004).

Resultados e discussão

A Gramática Tradicional, também conhecida como Gramática Normativa, muito tem sido questionada, refletida e investigada com relação às posturas que ela adota frente aos fenômenos linguísticos. A GT, pelo seu caráter pedagógico e metalinguístico, propõe análises linguísticas meramente formais, com exemplos que fogem ao verdadeiro uso que os falantes fazem da língua. No que diz respeito ao estudo da sintaxe, a GT lança mão de enunciados frasais que, na maioria das vezes, se distanciam da verdadeira realidade do uso da língua.

Conforme Garcia e Reis (2003), “sintaxe é a parte da gramática que estuda as relações estabelecidas entre as palavras quando elas estão inseridas em orações, parágrafos e textos inteiros”. Na visão das autoras, os estudos sintáticos

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO
RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

restringem-se a estruturas linguísticas isoladas, postura semelhante à de Ferdinand de Saussure, que se propôs a estudar o sistema linguístico dissociado dos contextos pragmático-discursivos envolvidos nas produções de linguagem. Ainda em uma visão tradicional da língua, Cegalla (2005) diz que:

A análise sintática examina a estrutura do período, divide e classifica as orações que o constituem e reconhece a função sintática dos termos de cada oração. As palavras, tanto na expressão escrita como na oral, são reunidas e ordenadas em frases. Pela frase é que se alcança o objetivo do discurso, ou seja, da atividade linguística: a comunicação com o ouvinte ou o leitor.
(CEGALLA, 2005, p. 319)

Nesse sentido, a sintaxe limita-se ao reconhecimento e classificação sintática dos elementos linguísticos que compõem as frases e orações. Na concepção do autor, produzir discurso se restringe a produzir frases, é por meio delas que o ser humano se vale em suas necessidades comunicativas. Isso implica dizer que, analisar sintaticamente um enunciado é classificar os termos que se fazem presentes no seu plano de expressão.

Consoante às reflexões tecidas até agora, podemos concluir que os estudos sintáticos na visão tradicional abarcam um conjunto de análises que circundam o nível estruturalista dos enunciados. A GT, ao abordar a sintaxe, adota uma postura formalista em termos de análise linguística, pois aponta padrões formais a serem seguidos pelos falantes de uma língua natural sem considerar os fatores extralinguísticos envolvidos na comunicação.

A corrente funcionalista da linguagem estabelece uma relação entre gramática e discurso. Isso implica dizer que, as construções gramaticais emergem e devem ser analisadas a partir das diversas formações discursivas que são oriundas dos vários contextos de comunicação que o falante está inserido. Em se tratando dos estudos sintáticos, Neves (1997) diz que:

“A sintaxe é vista como a codificação de dois domínios funcionais distintos: a semântica (proposicional) e a pragmática (discursiva). Uma sentença que presumivelmente contenha apenas informação semântica e que não apresente função pragmática realmente não existe na comunicação, apenas pode representar um segmento artificialmente isolado de seu contexto, para fins de análise”.
(NEVES, 1997, p. 24)

Nesse sentido, os enunciados linguísticos elaborados pelo indivíduo devem ser analisados a partir de uma associação entre fatores semânticos e pragmáticos envolvidos na produção de comunicação. Para o Funcionalismo, fazer análise sintática é, antes de qualquer coisa, considerar a competência comunicativa do falante e apostar nas várias cadeias faladas que podem surgir a partir das reais necessidades linguísticas do indivíduo. A língua em uso é o foco de atenção da gramática funcional, visto que ela extrai do próprio falante as elaborações linguísticas para serem analisadas, diferentemente da GT, que cria exemplos idealizados para explicar a língua, mas que não vão ao encontro da verdadeira realidade da mesma.

Beaugrande (1993), citado por Neves (1997), acentua que a gramática funcional tem como foco de atenção estabelecer relações entre forma e significado dentro do contexto discursivo. Nichols (1984), invocado pela mesma autora, ressalta que “embora a gramática funcional analise a estrutura gramatical, inclui na análise toda a situação comunicativa: o propósito do evento de fala, seus participantes e seu contexto discursivo”. Assim, o estabelecimento de funções sintáticas perpassa por um conjunto de fatores que são responsáveis pela produção de linguagem. O ato de interlocução envolve uma amplitude que não deve ser deixada de lado para que se obtenha uma análise linguística eficiente. Os sujeitos envolvidos na comunicação, as intenções que permeiam o fazer discursivo e o momento em que ocorreu a interação linguística são alguns dos aspectos que devem ser levados em conta no momento de se analisar sintaticamente um enunciado linguístico, pois antes da existência de uma função sintática, existem funções discursivas oriundas do processo comunicativo. Complementando tais reflexões, Pezatti (2004) discorre assim:

Como a Gramática Funcional se inclui, por definição, numa teoria pragmática de linguagem, tendo a interação verbal como objeto de análise, constitui uma de suas tarefas revelar as propriedades das expressões linguísticas em relação à descrição das regras que regem a interação verbal. Sendo assim, o padrão de adequação pragmática é o que apresenta maior peso na teoria, uma vez que uma gramática funcional deve ser concebida como uma teoria integrada a um modelo de usuário de língua natural.
(PEZATTI, 2004, p. 171)

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

Nesse sentido, uma perspectiva funcional da linguagem tem interesse em investigar as construções gramaticais associadas ao seu contexto de produção. Isso nos permite dizer que, toda e qualquer produção linguística deve ser analisada em consonância a fatores extralinguísticos que contribuem significativamente para um estudo mais eficiente acerca do uso da língua.

É importante ressaltar que a corrente funcionalista da linguagem não rejeita as noções de estrutura e sistema oriundas dos estudos saussureanos, mas acrescenta a ideia de função. O homem, ao produzir linguagem, faz escolhas no sistema linguístico que estão a serviço de intenções discursivas. Isso nos autoriza acreditar que, a noção de função sintática deve englobar uma série de fatores que estão relacionados ao processo de formação dos discursos sociais, elaborados a partir de elementos formais que desempenham papéis quando inseridos em um determinado contexto comunicativo.

Portanto, considerar a sintaxe a partir do pensamento funcionalista é ir além de uma análise que priorize somente as formas linguísticas dissociadas de seu contexto de produção. Antes mesmo de dizer se uma palavra desempenha função de sujeito, predicado ou objeto, existe uma esfera discursiva que envolve essa produção de linguagem e que é responsável pelo estabelecimento de tais papéis.

Considerações finais

A partir das discussões realizadas até agora, concluímos que a Gramática Tradicional apresenta uma visão formalista da língua. No que concerne ao conceito de análise sintática, a perspectiva da GT é metalinguística, a língua encerrada em si mesma sem relacioná-la com o mundo, com as esferas comunicativas que o usuário do sistema linguístico está inserido, o que chamamos de linguística imanente. Já o Funcionalismo considera que a sintaxe deve ser relacionada com a semântica, inserida em uma teoria pragmática mais ampla. Se as estruturas linguísticas criadas pelo usuário da língua são oriundas de suas necessidades reais de comunicação, as posições que as palavras ocupam e os papéis que elas desempenham são resultantes desse fator. Isso implica dizer que, a teoria funcionalista apresenta uma abordagem mais abrangente no tratamento do conceito de análise sintática, pois considera os fatores extralinguísticos como essenciais para se analisar qualquer plano de expressão da língua.

Agradecimentos

À professora Dr^a Maria Alice Mota, por sua prontidão em sempre fornecer orientação e material de pesquisa para a elaboração deste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 46 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.
- COLTRO, Alex. A Fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade. **Caderno de pesquisas em administração**. São Paulo, V. 1, 2000.
- GARCIA, Maria Cecília. REIS, Benedicta Aparecida Costa dos. **Minimanual compacto de gramática de língua portuguesa: teoria e prática**. 2 ed. São Paulo: Rideel, 2003.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas S.A., 2002.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **A Gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.